

SÊNECA POLÍTICO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA INTERIORIDADE E ADULAÇÃO.¹

Rodrigo Moreira Martins²

Resumo. Com o advento do helenismo, novas correntes filosóficas surgem com o intuito de responder à falta de segurança existencial proveniente da passagem da pólis ao cósmos político. O estoicismo se apresenta com a noção de Interioridade ideal do sábio, que basta-se a si mesmo seguindo a Natureza. Ora, a apatia estóica não se resume à indiferença do indivíduo que agora está inserido no cósmos, mesmo porque esse indivíduo é levado a ter a Representação da Razão Universal que rege a humanidade e a política, e, conseqüentemente, tem nela um guia sustentador da cosmopolítica. A Adulação passa a ser fruto dessa representação. E, se há uma Providência gerenciando tudo, e o ser humano faz parte dela, o mundo passa a ser a cidade de todos. A noção de igualdade e justiça é uma das principais contribuições do estoicismo para a humanidade, que será amplamente utilizada e desenvolvida pelo Império Romano e posteriormente com o Cristianismo.

Palavras-chave : Adulação; Interioridade, Natureza

OBJETIVOS

Detectar o sentido da adulação (κολακεια) e suas influências no ambiente estóico com relação à amizade e política é nosso objetivo geral. Recuperar o sentido da política estóica de dentro das relações que valorizam a intersubjetividade e a palavra (λογος); e qual sua relevância na atualidade diante da falência do homem enquanto subjetividade no interior de sistemas políticos, eis nossos objetivos específicos.

Enfim, verificar as influências que esta harmonia ética tece e tem nas relações intersubjetivas, tanto em relação à amizade, quanto em relação à política, visto que são temas intimamente ligados às concepções políticas que se desenvolveram a partir dos conceitos elaborados pelo estoicismo.

INTRODUÇÃO

A conquista do Oriente por Alexandre, fez com que os gregos se vissem obrigados a alargar os horizontes da sua existência, estendendo-se na direção do cosmos. Neste período, a filosofia assumiu o papel de preencher esse espaço existencial. O grego vivia na cidade, pela cidade e para a cidade. Ela representava, aos olhos do grego comum e, principalmente, aos olhos do grego aristocrata, o valor maior da existência. Depois que Alexandre morreu (323 a.C.), o que resultou então?

As mudanças foram se aprofundando, já não se concebia mais a vida social como convivência de pessoas livres, conscientes de sua igualdade e da sua capacidade de gerar e gerir as próprias instituições. Problemas sócio-político-

culturais se agravaram e a mentalidade grega se modifica. Não se pensa e não se sente mais em termos de cidade, mas em termos de mundo, de cosmos.

Verdade é que o horizonte alargado perdeu a segurança, o aconchego e a densidade axiológica que a cidade representou, porque ela significava algo de mais pessoal e mais próximo. Após o séc II a.C. Roma começou suas intervenções, uma nova realidade se criava na bacia do mediterrâneo, síntese do gênio especulativo grego e do gênio prático romano. Era a civilização greco-romana. O Direito surge desse casamento.

Há uma racionalização na elite pensante, contudo, as massas excluídas pelo processo de mudança, vão sofrer o impacto das forças marcadas pela dimensão mística da vida que vai se impor de maneira quase predominante. O pensamento filosófico não pôde fugir a essa realidade. Neste contexto, entre os séc. IV e I a.C., surgem o estoicismo e o epicurismo, que encontram uma solução: enfatizar as riquezas da pessoa humana e a conseqüente possibilidade de uma autarquia ou auto-suficiência de vida, para cada indivíduo. Dá-se uma espécie de retorno à reflexão jônica, pois ambos, estoicismo e epicurismo, devem procurar os fundamentos do discurso moral na ordem da physis (φύσις), tal qual tinham feito os pré-socráticos.

A derrocada das cidades-estado criou, pois, para o homem grego, um vazio existencial, que urgia preencher. A isso visaram estoicismo e epicurismo. Descobrir-se como parte de um todo e aceitar tranquilamente esse fato, eis o programa estóico e epicurista. Eles convocavam o indivíduo à descoberta de uma ordem universal, na qual podia inserir-se ele, sem a mediação da pólis. O indivíduo se libertava interiormente. O ideal da vida humana é a auto-suficiência interior. Ser sábio é saber se arranjar independentemente do mundo. É viver conforme a Natureza.

Depois das grandes conquistas de Alexandre Magno, por volta do séc. IV a.C., o cidadão da pólis se viu diante de uma crise existencial: já não havia mais a segurança da cidade. Havia agora um novo ambiente: o cósmos. Essa nova visão de mundo causou mudanças profundas no modo de vida do grego. Com a morte de Alexandre, o caos agravou-se; a crise sócio-cultural e econômica veio agregar mais confusão ao mundo grego. Era o helenismo mostrando seus tentáculos.

Neste contexto surge o Estoicismo com a proposta de Zenão de Cício³ (336-264 a.C.): Viver conforme a Natureza. Era o sustento que a situação vivencial

pedia. Era uma resposta às muitas indagações de como viver, uma proposta da nova Ética.

As filosofias universalistas, como foi o estoicismo antigo, denunciaram a impotência para agir imediatamente na transformação do presente. Transcendendo os males plenos vivenciados cotidianamente, a consciência universalista corrige o que condena erigindo um sistema logicamente possível, que tenha alguma eficácia para poder servir ao homem em sua prática. O tópos ético-político estóico aponta para o que não existe – a Cosmópolis.⁴

Essa doutrina estóica baseia-se no seguinte esquema de pensamento: uma unidade de articulação racional (lógica - λογικός), em vista a um perfeito conhecimento da natureza (física - φυσική), possibilitando atitudes de acordo com a estrutura do mundo (ética - ηθική). Tiram suas conclusões de como agir verificando a ordem da natureza (física) através da lógica, ou seja, do pensamento racional, (no qual colocavam toda a base de sua teoria do conhecimento) concluindo, assim, a Ética na qual se conduziria o ser pensante da época, tirando-o de sua crise existencial, apontando um norte àquele que se encontrava distante da segurança da polis. É no individualismo ético – Interioridade – que se sustenta esse sistema que alguns chamam até de pedagógico.

O estoicismo é dividido pela maioria dos estudiosos em três fases:⁵

- Antigo – (IV-III a.C.): Zenão, de Cicio; Crisipo, de Soles; e outros.
- Médio – (II-I a.C.): Panécio, de Rodes; Possidônio, de Apaméia; e outros.
- Romano ou Imperial – (I a.C. – III d.C.): Sêneca; Epicteto; Marco Aurélio; outros.

CARACTERÍSTICAS DO PENSAMENTO ESTÓICO

O estoicismo grego propõe uma imagem do universo segundo a qual tudo o que é corpóreo é semelhante a um ser vivo, no qual existiria um sopro viral (pneuma), cuja tensão explicaria a junção e interdependência das partes. No seu conjunto, o universo seria igualmente um corpo vivo provido de um sopro ígneo (sua alma), que reteria as partes e garantiria a coesão do todo. Essa alma é identificada por Zenão como sendo a razão e, assim sendo, o mundo seria inteiramente racional.

A Razão Universal ou Logos (Λογος σπερματικος), penetra em tudo e comanda tudo, tendendo a eliminar todo tipo de irracionalidade, tanto na natureza, quanto na conduta humana, não havendo lugar no universo para o acaso ou a desordem. A racionalidade do processo cósmico se manifesta na idéia de ciclo, que os estóicos adotam e defendem com rigor. Herdeiros do pensamento de Heráclito de Éfeso (séc. VI aC), os estóicos concebem a história do mundo como sendo feita por uma sucessão periódica de fases, culminando na absorção de todas as coisas pelo Logos, que é Fogo e Zeus. Completado um ciclo, começa tudo de novo: após a conflagração universal, o eterno retorno.

Tudo o que existe é corpóreo e a própria razão identifica-se com algo material, o fogo. O incorpóreo reduz-se a meios inativos e impassíveis, como o espaço, tempo e o vazio; ou então àquilo que se pode pensar sobre as coisas, a idéia, mas não às próprias coisas. Nesse universo corpóreo e dirigido pelo fatalismo dos ciclos sempre idênticos, tudo existe e acontece segundo predeterminação rigorosa, porque racional. Governada pelo Logos, a natureza é por isso justa e divina e os estóicos identificam a virtude moral com o acordo profundo do homem consigo mesmo e, através disso, com a própria natureza, a qual é intrinsecamente razão.

Esse acordo consigo mesmo é o que Zenão chama "prudência" e dela decorrem todas as demais virtudes, como simples aspectos ou modalidades. As paixões são consideradas pelos estóicos como desobediências à razão e podem ser explicadas como resultantes de causas externas às raízes do próprio indivíduo; seriam, como já haviam mostrado os cínicos, devidas a hábitos de pensar adquiridos pela influência do meio e da educação. É necessário ao homem desfazer-se de tudo isso e seguir a natureza, ou seja, seguir a Deus e à razão Universal, aceitando o destino e conservando a serenidade em qualquer circunstância, mesmo na dor e na adversidade.

A teoria do conhecimento consiste em fazer entrar no sensível o domínio da certeza e da ciência que havia sido cuidadosamente afastado por Platão.⁶ A verdade e a certeza estão entre as percepções mais comuns e não exigem nenhuma qualidade que não supere às que pertencem a todo homem, mesmo os mais ignorantes; a ciência - é verdade - não pertence senão ao sábio, mas não é por isso que sai do sensível, pois continua ligada a estas percepções comuns cuja sistematização constitui a sua essência.

Ora, não seria, então, por isso que a Adulação é atacada como inimiga do bem. A adulação desvia a atenção do ser racional para algo além do sensível; ela burla a certeza, a verdade e a virtude de uma verdade própria, de um interesse comum e, se tudo deve conformar-se com a Natureza, o domínio da verdade e da certeza também deveriam estar ligados à necessidade do cósmos, do mundo.

O conhecimento parte, com efeito, da representação ou imagem (*phantasia*) que é a impressão que um objeto real faz na alma. Impressão análoga, para Zenão, à de um selo sobre a cera ou, para Crisipo, à alteração que produz no ar uma cor ou um som, que se propõem à alma e à qual a alma pode dar ou negar seu assentimento voluntariamente. Se se equivoca, ela cai num erro e tem uma falsa opinião; se acerta, tem então a compreensão da percepção (*catalepsis*) do objeto correspondente à representação; e há que se notar que, neste caso, a alma não se contenta em ter a imagem do objeto, mas em captar imediatamente e com perfeita convicção, pois capta não as imagens, mas as coisas. Tal é, no sentido próprio da palavra, a sensação, ato do espírito muito diferente da imagem.

Temos o mais conhecido exemplo que Zenão apresentava a seus discípulos:

Zenão resumia de uma maneira pitoresca toda esta teoria da certeza. Mostrava sua mão aberta com os dedos estendidos e dizia: "Tal é a representação"; depois, dobrando ligeiramente os dedos: "Eis o assentimento"; a seguir, cerrava o punho e dizia que era a percepção, e, finalmente, cobrindo com sua mão esquerda o punho direito dizia: "E aqui a ciência, exclusiva do sábio". Isto é, a representação, compreensiva ou não - lendo bem esta passagem de Cícero -, não capta nada, que o assentimento prepara a percepção e, finalmente, que só a percepção capta o objeto, o que faz ainda melhor a ciência.⁷

O DUPLO REGISTRO

Nossa época vive uma busca incansável pela verdade absoluta, busca-se bases para uma segurança ideal. O conceito de segurança utilizado aqui não é somente o de segurança física, tal como necessitamos dos agentes policiais, ou das autoridades econômicas, políticas, mundiais, etc, mas é o de uma segurança de vida interior. É de uma leitura de mundo segura que estamos falando, pois somente com este tipo de segurança as pessoas que estão em cargos de poder poderão estabelecer-se de modo a proporcionar segurança às outras pessoas.

Uma leitura de mundo nem sempre aponta para os mesmos caminhos, tem-se muitas vezes opiniões diversas e contraditórias a respeito de determinados assuntos. Para que isso não aconteça, a escola estóica apresenta um caminho: viver segundo a natureza. Mas ainda assim temos um problema de interpretação, pois insistimos em ler o passado com nossos olhos, por isso a noção de duplo registro nos é salutar para adentrarmos neste ambiente.

Rachel Gazolla propõe as denominações *lógos crítico* e *lógos dogmático*.⁸

- a) *Logos crítico: há uma historicidade humana cujo modo de ser, de estruturar-se no tempo, de conhecer, de dizer e determinar o dever-ser recebe as mais severas críticas da escola;*
- b) *Logos dogmático: há um dizer paradigmático que se assenta na physis como a pensou o Pórtico e serve de fundamento para as reflexões do ser, do dizer, do dever-ser, do conhecer, marcando o distanciamento do dogma físico com a crítica do homem em sua historicidade.*

Essa historicidade humana atacada no item A permanece hoje com as várias tentativas de acomodar os vários níveis de soluções, sem se levar em conta a pluralidade do mundo e das pessoas, o que poderia se refletir num respeito tanto pela natureza quanto pelo ser humano.

Há aqui outra ponte a fazer: a relação lei-natureza e a *physis-polis*, pois o duplo registro presume esses termos para sua posição, visto que é da própria harmonia de forças contrárias que a Natureza é constituída. Sendo que “a *justa medida contemplada na natureza é o que se deve buscar na vida política e particular*”⁹ para que a segurança na relações, tanto vivenciais quanto interpretativas possam acontecer de forma profícua e gerem vida para as pessoas e para o mundo.

SÊNECA PROBLEMATIZADOR

Após um período de esplendor, o império romano começou a sentir os sintomas de decadência sócio-econômica e política, com a resultante perda de sentido existencial. Dentro da tradição da Escola, a pregação estóica visava fortalecer o indivíduo, levando-o a uma autonomia própria, que o ajudasse a enfrentar o vazio existencial em voga. O estoicismo não deixava de ser uma contestação política, motivo pelo qual se viu molestado. Nunca, porém, chegou a constituir em partido político. Ateve-se quase que só à sua dimensão ética. Com o

estoicismo, firma-se a noção de filosofia como atitude existencial. Saber levar a vida com filosofia é saber vivê-la sabiamente, controladamente, sem se deixar arrastar pelos arroubos e pelos excessos.

Nossa pesquisa centra-se no período imperial, com o filósofo Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) que foi tutor de Nero e, mais tarde, por este condenado ao suicídio. Escreveu várias obras, contudo é à Cartas a Lucílios que vamos dar ênfase.

*Humanista, no pleno sentido da palavra, sem dúvida é o título que mais glorifica o filósofo cordovês. Ele lançou a semente da moderna idéia de fraternidade universal dos homens.*¹⁰

Na carta seis, temos a problematização de três conceitos bem próprios do estoicismo:

- a) Doença: a crise existencial que atinge a época é motivo da não leitura contextual da realidade, donde citamos: *“já é motivo para felicitar certos doentes o fato de eles próprios se reconhecerem doentes”*¹¹ – o estoicismo aponta para um esclarecimento da realidade, aponta para uma saída; incita a viver o presente de modo consciente e responsável. É a leitura do universal que antes não era possível e agora é obrigatória. Doença que pode causar morte, não somente física – que não seria um mal para os estóicos – mas a morte em relação à virtude, que tem como seu preço a liberdade;
- b) Amizade: aponta para o universal: é na Natureza que se tem o ponto de apoio donde se tira o costume de agir: Lógica X Física X Ética. Citamos: *“aprender dá-me sobretudo prazer, porque me torna apto a ensinar”*.¹² A situação cosmopolita abriu o horizonte do ser pensante, agora ele tem que pensar de forma universal; isto significa pensar não somente no cidadão grego, mas em todos os seres pensantes, no mundo.

Depois de se reconhecer doente frente ao contexto de mudança, já tendo indícios de que a saída para o caminho da virtude – mesmo estando impossibilitado de exercê-la – estaria na Interioridade, o ser pensante da época começa a colocar em prática, de modo astuto, a amizade. Esta é uma primeira tentativa de resolver a situação dos doentes que o estoicismo assinala, pois para este, *a filosofia só trás de útil à humanidade seus preceitos; o que importa é ajudar os desgraçados*.¹³

De que adianta alcançar o status de sábio se não puder colocar em prática aquilo que exercitou? Ainda mais: de que adianta tudo isso se o egoísmo não

permitir ensinar ao outro para que o mundo seja melhor? O ideal estóico da amizade é multiplicar os preceitos para uma vida reta em comunidade; para uma política que prestigie a virtude.

Consciente do pouco tempo de vida que o humano possui, o estóico aceita que *“o que a vida tem de bom não é a sua duração, mas sim o modo como a empregamos”*,¹⁴ sendo assim, deve-se empregar o tempo existencial procurando se aperfeiçoar nos propósitos elevados do sábio, voltados para uma vida com a comunidade real. Essa virtude que se alcança com a prática das doutrinas estóicas é o bem autêntico: *“apenas o sábio conhece a verdadeira alegria, essa exaltação da alma na plena posse dos seus bens autênticos”*.¹⁵ No entanto a atmosfera adulatória vivida pelos cidadãos do cosmos romano não permitiria viver o ideal do sábio de modo pleno, isto é, no exterior e no interior. Ora, a astúcia estóica permitiu ao cidadão ser livre apoiando-se no único bem que realmente existe: a razão que tudo rege, que está na Natureza e que está presente em cada pessoa. A saída estaria na Interioridade.

- c) Interioridade: o individual se basta; ser sábio é saber atuar independentemente do mundo, que agora se situa em cosmos. Citamos: *“Queres saber o que lucrei hoje? Comecei a ser amigo de mim próprio”*.¹⁶ É a mudança fundamental aplicada pelo estoicismo na mentalidade do ser racional da época. O sábio basta-se a si mesmo, tem um poder interior (algo semelhante ao E.S. no cristianismo)¹⁷ capaz de tirá-lo da crise e orientá-lo à vida reta, onde a adulação (negativa) não é necessária, e a política se dá fundamentada na amizade, porque *“sente o que sente continuamente e não num dia qualquer – só o sábio se contenta com o que tem, todos os insensatos sofrem de descontentamento consigo mesmos”*.¹⁸ Além disso:

*para os estóicos, não há garantia de virtude a não ser nos estados de escolha para a virtude que eventualmente, pontualmente, conseguimos usando os lógoi (discursos conscientes, pensados). A segurança de um fim último está banida da Stoa porque a temporalidade da virtude é pontual. Vivendo de uma só vez a história como quase-existência e a realidade doutrinária como existência, a consciência estóica preenche, em cada coração, sede do hegemônico (parte da alma que tem o poder de dirigir), o espaço político deixado vazio pela ausência da Cidade.*¹⁹

Ou seja, a interioridade que estabelece a segurança, a faz baseada na consciência das ações; um aperfeiçoamento que pode ser ensinado aos outros, pela amizade. Contudo, é de modo gradual que se consegue chegar à perfeição:

*Mas, como adquirir sabedoria? Praticando-a diariamente, ainda que em escala pequena; diariamente examinando a nossa conduta no fim do dia; mostrando-nos duros para com nossas faltas e compassivos para com as dos outros; associando-nos com os que nos excedem em sabedoria e virtude; tomando um sábio de reconhecido valor como nosso invisível guia e juiz.*²⁰

E como estamos vendo, a interioridade estóica aponta para o relacionamento, primeiro consigo mesmo, mas com vistas ao outro, pois esse estado de sabedoria só se consegue estabelecendo conexões dentro de um sistema de consciência pleno.

*A amizade estabelece entre nós uma comunhão total de interesses; nem a felicidade nem a adversidade são fenômenos individuais: vivemos para a comunidade. Não é mesmo possível alguém viver feliz se apenas se preocupar consigo, se reduzir tudo às suas próprias conveniências: tem de viver para os outros que quiser viver para si mesmo.*²¹

Assim sendo, a interioridade faz pontes com o coletivo, o plural, ou melhor dizendo, com o Cósmos que está à frente do novo cidadão, que agora se vê diante do mundo, consciente de sua integração nele. Por conseguinte, as relações políticas se dão de modo intersubjetivo, uma vez que é a partir desse tópos (lugar consciente) existencial que o estoicismo vai direcionar seus conselhos morais, apontando a interioridade consciente de suas ações como paradigma para a amizade, que se mostrará em relações políticas saudáveis, livres dos vícios e da adulação. Aliás, “o bem que é a liberdade terás tu de dá-lo a ti mesmo, de o reclamar a ti mesmo!” [...] Ora, “de fato, enquanto o corpo, para se tornar vigoroso, depende de muitos fatores materiais,, a alma encontra em si mesma tudo quanto necessita para se robustecer, alimentar, exercitar.”²²

A ADULAÇÃO

Enfim, o que é a adulação (para os estóicos) senão a posse da ação consciente para deturpar a virtuosidade encontrada na natureza; não é ela ir contra a natureza e seus preceitos eternos? O sentido da adulação se mostra na doença posterior ao entendimento da ruptura da polis para o cosmos, pois aí sim temos um

ser verdadeiramente doente, pois engana conscientemente o próximo e a si mesmo, fugindo da ordem lógica da natureza. A orientação estoica é em virtude de corrigir esse desvio, apontando para nossa própria tendência em errar, não obstante na capacidade de aprender a ser sábio.

Fazendo assim, não exclui ninguém dessa capacidade, pois “a natureza dotou-nos com aptidão para aprender, deu-nos razão, imperfeita, mas capaz de aperfeiçoamento”.²³ Com esse tipo de ação virtuosa espalhada pela comunidade, não é difícil imaginar uma política mais virtuosa, justamente porque se baseia na Interioridade, que é o movimento principal para construir o bem mútuo: a relação com o outro baseado em si mesmo.

Alcançar o ponto de ligação entre a adulação estoica presente no ambiente do estoicismo romano e nossa atual sociedade, ou seja, que isto é possível e pertinente, também é um assunto simpático, que já se auto-problematiza só pelo fato de a multiplicidade presente em nosso mundo global ser mais complexa e multiforme que a do Império Romano do século I, mas essa é uma discussão para um trabalho póstumo. Vejamos por outro prisma a política e a interioridade estoica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

59

Depois destas colocações e também depois de estarmos mais situados – e de uma certa forma equilibrados nas noções estoicas – podemos encaminhar nossa discussão para uma conclusão (mesmo cientes da urgência de se continuar na lida). Como vimos, a Interioridade faz a diferença no ambiente estoico porque é colocada como princípio norteador do seguir a Natureza, que é o deus racional, e que nós também possuímos: fazemos parte (essencial) da Natureza através da racionalidade. Não estamos discutindo religião neste texto, por isso não me preocupei com as possíveis noções divinizadoras da Natureza. O que nos interessou aqui foi como se deu a política no estoicismo do período Imperial.

Ora, a política se pauta numa relação com o outro, na intersubjetividade das pessoas. Através dessa relação se constroem ou destroem impérios, nações inteiras. Os ideais estipulados pela confluência de idéias que nascem das relações políticas movem muitas outras vidas, transformando-as de modo sensível. O sábio estoico não é insensível porque “sabe onde mora”, sabe que vive em afinidade com

um mundo de relações complexas; e tem entre seus objetivos cultivar a virtude, alcançá-la e apresentá-la aos outros para que outros saiam de seus vazios existenciais diante das bruscas mudanças geradas pelo helenismo e suas conseqüências políticas e culturais.

Articular a vida de modo racional, para os estóicos, é algo relacionado ao princípio da Natureza que a todos sustenta com suas benesses. Estabelecer objetivos políticos seria uma das formas para se poder chegar a resultados concretos rumo à virtude estóica no ambiente imperial romano. *“O sábio estóico está preocupado na construção de uma convivência humana, que ultrapasse os limites políticos da pólis grega e tenha as dimensões do cosmos”*.²⁴ Sendo assim, a política se dá tomando consciência da interioridade que é relacionada com o Todo; e, tomando do fruto dessa consciência, fazer a regência das relações políticas, muitas vezes de modo astuto, porém sempre consciente. É a explicação existencial para uma vida sem liberdade. Ora, podemos apresentar os caminhos para uma liberdade imperturbável, mas também podemos usar de nossa imperturbabilidade para sermos livres em meio aos que nos oprimem.

Desta forma, somos livres dos dois modos. A evolução consciente, do interno para o externo, ou volta ao interno, caso a liberdade externa (de ambiente) seja impossível, é o paradigma estóico, que sempre tem esse duplo registro. Conseguir superar a inércia inicial e seguir o ideal do sábio estóico é tarefa árdua, pois muitos preferem a passividade, ou melhor, a comodidade, ao passo que se tornar imperturbável, ao sabor estóico – tendo em vista o contexto de império – seja necessário um cultivo diário do espírito e um entendimento profundo das relações do humano com a Natureza e com os próprios humanos.

REFERÊNCIAS

- BRÉHIER, Émile. **História da Filosofia**. Tomo II, São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- _____, **O Antigo Estoicismo**. Trad. de Miguel Duclós. In: www.consciencia.org/forum - 070603.
- BRUN, Jean. **O Estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- DURANT, Will. **A História da Civilização III: história da civilização romana e do cristianismo até o ano 325**. São Paulo: Record, 1999.
- GAZOLLA, Rachel. **O Ofício do Filósofo Estóico: o duplo registro do discurso da Stoa**, São Paulo: Loyola, 1999.
- LARA, Tiago Adão. **Caminhos da Razão no Ocidente: A filosofia nas suas origens**

gregas. Petrópolis: Vozes, 1992.

MARCO AURÉLIO. **Meditações**. Trad. de Jaime Bruna. In: Os Pensadores. São Paulo: ABRIL, 1973.

MONDOLFO, Rodolfo. **O Pensamento Antigo**: história da filosofia greco-romana II. Desde Aristóteles até os Neoplatônicos. São Paulo: Mestre Jou, 1979.

NETO, Joaquim José de Moraes. **Estóicos**: a teoria do conhecimento. Londrina, 2000 (texto não publicado)

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílius**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

_____, **Cartas Consolatórias**: A Márcia; A Hélvia; A Políbio. Campinas: Pontes, 1992.

_____, **Consolação a minha mãe Hélvia**; Da tranquilidade da alma; Medeia; Apocoloquintose do divino Cláudio. São Paulo: Abril, 1973 (Coleção: Os Pensadores).

ULLMANN, Reinhold Aloysio. **O Estoicismo Romano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
<http://www.mundodosfilosofos.com.br/idadehelenistica.htm> - 070603

NOTAS

¹ Orientação do Prof. Dr. Joaquim José de Moraes Neto - UEL.

² Formado em Teologia e Filosofia; mestrando em Psicologia – MAPSI – UNIR.

³ O fundador da antiga escola estóica é Zenão de Citium (334-262 a.C., mais ou menos). Seu pai, mercador, leva para ele, de Atenas, uns tratados socráticos, que lhe despertam o entusiasmo para com os estudos filosóficos. Aos vinte e dois anos vai para Atenas; aí - perdidos seus bens - dedica-se à filosofia, freqüentando por algum tempo várias escolas e mestres, entre os quais o cínico Crates. Finalmente, pelo ano 300, funda a sua escola, que se chamou estóica, do lugar onde ele costumava ensinar: pórtico em grego, stoá. Iniciou, juntamente com a atividade didática, a de escritor. Em seus escritos já se encontram a clássica divisão estóica da filosofia em lógica, física e ética, a primazia da ética e a união de filosofia e vida. A escola estóica média ou eclética, surge pela influência de outras escolas e para responder às objeções dessas escolas. Podem-se, pois, agrupar na escola estóica nova ou religiosa os que entendiam absolutamente a filosofia, o estoicismo, não como ciência, metafísica, mas como uma missão e uma prática religiosa, sacerdotal.

Cf.: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/estoicismo.htm> 070603

⁴ GAZOLLA, p. 196.

⁵ Ibid, p. 23.

⁶ BRÉHIER. *O Antigo Estoicismo*, p. 13.

⁷ Ibid, p. 14.

⁸ Idem, p. 15.

⁹ Idem, p. 36.

¹⁰ ULLMANN, p. 32.

¹¹ SÊNECA. *Cartas a Lucílius*, p. 13 (Carta 6).

¹² Ibid, p.13 (Carta 6).

¹³ Ibid, p. 163 (carta 48)

¹⁴ Ibid, p. 168 (carta 49)

¹⁵ Ibid, p. 209 (Carta 59).

¹⁶ Ibid, p. 14 (Carta 6).

¹⁷ Sobre a relação entre Sêneca e o Cristianismo temos, principalmente, a relação epistolar, considerada apócrifa, entre Sêneca e Paulo, onde há semelhanças doutrinárias importantes como: O domínio soberano e absoluto de Deus; Deus presente em cada pessoa. Mais referências podemos detectar entre At 17 e a Carta 90. Cf. ULLMANN, p. 14-15.

¹⁸ Ibid, p. 28. (Carta 9).

¹⁹ GAZOLLA, p. 197.

²⁰ DURANT, Will. *A História da Civilização*, III, p. 241.

²¹ SÊNECA. *Cartas a Lucílius*, p. 162 (carta 48).

²² Idem, p. 345 (Carta 80).

²³ Ibid, p. 169 (carta 49)

²⁴ LARA, Tiago Adão. *Caminhos da Razão no Ocidente*, p. 184.